PREFÁCIO

Bem-vindos ao Mundo de Stephanie Land

Para começar, exige-se logo um preço a pagar: que se abandonem quaisquer estereótipos sobre trabalhadores domésticos, mães solteiras, e imagens mediáticas sobre pobreza, que de algum modo tenham sido alimentados. Stephanie é uma trabalhadora incansável e «articulada», para usar o elogio condescendente concedido pelas elites às pessoas inesperadamente inteligentes, mas a quem falta um curso superior. *Criada* é sobre a viagem que ela fez como mãe, tentando proporcionar à filha, Mia, uma vida e um lar seguros, enquanto sobrevivia com os cacos que juntava da assistência social e com um rendimento aflitivamente baixo que ganhava como empregada doméstica.

«Criada» é uma palavra delicada, perfumada por tabuleiros de chá, fardas engomadas, *Downton Abbey*. Mas, na realidade, o mundo desta empregada está coberto de fuligem e manchas de cocó. Estas trabalhadoras desentopem os nossos esgotos cheios de pelos púbicos, cheiram a nossa roupa suja, literal e metaforicamente. No entanto, permanecem invisíveis — negligenciadas pela política, desprezadas às portas das nossas casas. Sei isto, porque vivi esta vida por curto tempo, como repórter a trabalhar com baixos salários para poder escrever o meu livro *Nickel and Dimed*. Ao contrário de Stephanie, eu podia sempre voltar à minha vida confortável de escritora. E, ao contrário dela, não estava a tentar sustentar uma filha com o que ganhava. Os meus filhos já eram crescidos e não tinham nenhum interesse em viver comigo em caravanas, como parte de um empreendimento jornalístico tresloucado. Conheço o trabalho das limpezas — o esgotamento e o desprezo que enfrentava ao usar o colete da empresa, embelezado com o brasão *The Maids Inter-*

national, em público. Mas nem consigo imaginar a ansiedade e o desespero de tantas das minhas colegas. Como Stephanie, muitas daquelas mulheres eram mães solteiras que limpavam casas para sobreviver, que passavam o dia na angústia de, para irem trabalhar, terem deixado os filhos em situações arriscadas.

Com sorte, nunca havemos de viver no mundo de Stephanie. Neste livro veremos que está dominado pela escassez. O dinheiro nunca é suficiente e, por vezes, nem a comida; manteiga de amendoim e *ramen* é de vez em quando; *McDonald's* é uma iguaria fina. Nada é de fiar neste mundo — nem os carros, nem os homens, nem o teto. Os cheques-refeição são um pilar importante para a sobrevivência dela, e a nova lei, que obriga as pessoas a trabalhar para os receber, fará apenas que acabem com os punhos cerrados de raiva. Sem estas ajudas governamentais, estas trabalhadoras, mães solteiras e todas as demais, não conseguiriam sobreviver. Não podem ser esmolas. Como todos nós, elas querem estabilidade social.

Talvez o que mais doa no mundo de Stephanie seja o antagonismo acutilante dos mais favorecidos. É o que se chama preconceito de classe, e que afeta especialmente os operários, frequentemente vistos como moral e intelectualmente inferiores aos que usam fatos ou que se sentam em secretárias. No supermercado, os outros clientes olham com desdém para o carrinho de compras de Stephanie, enquanto ela paga com cheques-refeição. Um homem mais velho grita, em voz alta, «De nada!», como se ele mesmo tivesse pagado pessoalmente as compras dela. Semelhante mentalidade vai muito mais além do que este caso isolado e representa o sentimento de grande parte da nossa sociedade.

A história do mundo de Stephanie descreve um arco que parece orientado para um colapso desastroso. Primeiro, o desgaste físico provocado por arrastar móveis, aspirar o chão e esfregar a loiça, seis a oito horas por dia. Na empresa de limpezas para a qual trabalhei, todas as minhas colegas de trabalho, a partir dos dezanove anos, pareciam sofrer de danos neuromusculares — dores de costas, tendinites, problemas nos joelhos e nos tornozelos. Stephanie tem de lidar com a quantidade alarmante de ibuprofeno que toma diariamente. Por vezes, chega a olhar desejosa para os opiáceos guardados nas casas de banho dos clientes,

mas as receitas médicas não estão ao alcance dela, nem massagens ou fisioterapia, nem consultas com um especialista em terapia da dor.

Lá no topo, ou entrelaçado no esgotamento físico causado pelo trabalho dela, está o desafio emocional que Stephanie enfrenta. Ela é o exemplo de «resiliência» que os psicólogos recomendam aos carenciados. Quando confrontada com um obstáculo, descobre sempre como seguir em frente. Mas o volume absurdo de obstáculos atinge, por vezes, níveis de um excesso de carga. Tudo o que a recompõe é o amor sem fundo que tem pela filha, a luz cintilante e cristalina que ilumina todo o livro.

Não é revelar muito da história dizer que este livro tem um final feliz. Ao longo de todos os anos em que lutou e trabalhou, Stephanie alimentou o desejo de se tornar escritora. Conheci Stephanie há muitos anos, quando ela ainda dava os primeiros passos na escrita. Além de autora, sou fundadora do *Economic Hardship Reporting Project*, uma organização que promove o jornalismo de referência sobre as desigualdades económicas, especialmente sobre aqueles que têm de se esforçar por se manterem à tona. Stephanie consultou-nos, e nós agarrámo-la, labutando com ela no desenvolvimento de material de trabalho, limando rascunhos e colocando-os nos melhores pontos de venda que pudemos encontrar, incluindo o *The New York Times* e a *New York Review of Books*. É por causa de pessoas como ela que nós existimos — uma escritora desconhecida, da classe operária, que necessitava apenas de um empurrão para lançar a carreira. Se este livro acabar por se tornar inspirador, quem sabe, recordaremos quão perto esteve de nunca ter sido escrito. Stephanie poderia ter cedido ao desespero ou à exaustão; poderia ter sofrido no trabalho uma lesão irreparável, que a incapacitasse. Pensem também em todas as mulheres que, por razões idênticas, nunca conseguem que as suas histórias sejam contadas. Stephanie relembra-nos de que elas existem aos milhões, todas de certa maneira heroicas, à espera de que tenhamos tempo para as escutar.

Barbara Ehrenreich

parte um

Para Mia:
Boa noite
Adoro-te
Vemo-nos de manhã.
— Mãe

1

O Cubículo

A minha filha aprendeu a andar num asilo para os sem-abrigo. Foi numa tarde de junho, um dia antes do seu primeiro aniversário. Empoleirada no sofá puído, peguei numa velha câmara digital para lhe filmar os primeiros passos. O cabelo desgrenhado de Mia e o macacão às riscas fininhas contrastavam com a determinação dos olhos castanhos dela, enquanto fletia e enrolava os dedos dos pés para conseguir equilibrar-se. Por trás da lente, via-lhe as dobras dos tornozelos, os refegos das coxas e a barriga redonda. Balbuciava enquanto se dirigia a mim, descalça, pelos ladrilhos do chão. Anos de sujidade estavam encastrados naquele chão. Por mais que esfregasse, nunca consegui que ficasse limpo.

Era a última semana dos noventa dias da nossa estada num cubículo a norte da cidade, que nos tinha sido atribuído pelo programa governamental de habitação para desalojados. Depois, passámos para alojamento de transição — um bloco de apartamentos antigos e degradados, com chão de cimento, que funcionavam também como casas de reinserção. Por muito temporário que fosse, fiz o meu melhor para fazer do cubículo um lar para a minha filha. Cobri o sofá com um lençol amarelo, não só para trazer calor às paredes brancas e ao chão cinzento, mas também brilho e alegria a tempos sombrios.

Ao lado da porta da entrada, tinha pendurado na parede um pequeno calendário. Estava cheio de marcações com assistentes sociais de organismos onde pudéssemos encontrar ajuda. Procurei debaixo de todas as pedras, espreitei pela janela de todos os edifícios de assistência governamental e pus-me nas filas intermináveis de pessoas que carregavam papelada à sorte para tentar provar que não tinham

dinheiro. Estava esmagada pelo que tinha de fazer para provar que era pobre.

Não nos era permitido ter visitas ou receber o que quer que fosse, muito ou pouco. Tínhamos um só saco para as nossas coisas. Mia tinha um único cesto com brinquedos. Eu tinha uma pequena pilha de livros, que pousara na prateleira exígua que separava a sala da cozinha. Havia uma mesa redonda onde consegui encaixar a cadeira de refeições de Mia e uma cadeira onde me sentava a vê-la comer, e onde muitas vezes bebia café para saciar a fome.

Enquanto observava Mia a dar aqueles primeiros passos, tentei manter os olhos longe da caixa verde por trás dela, onde guardava os documentos do tribunal com todos os detalhes do meu litígio com o pai por causa da custódia dela. Lutei por manter a atenção nela, sorrindo-lhe, como se estivesse tudo bem. Se tivesse voltado a câmara para mim, não me teria reconhecido. As poucas fotos que há de mim quase mostram outra pessoa. É muito possível que nunca tenha estado tão magra em toda a vida. Trabalhei a tempo parcial como jardineira, onde passava várias horas por semana a aparar arbustos, a lutar contra amoreiras silvestres crescidas para lá da conta e a apanhar erva de sítios onde não devia existir. Por vezes, limpava o chão e as casas de banho de conhecidos meus, amigos que tinham ouvido dizer que andava desesperada por dinheiro. Não eram ricos, mas tinham uma almofada financeira que eu não tinha. Um salário perdido era para eles um contratempo, não o desencadear de acontecimentos que terminariam por os colocar num asilo para os sem-abrigo. Tinham pais, ou outros familiares, que lhes lançariam a mão com dinheiro e os salvariam de tudo isso. A nós, ninguém lançava a mão. Éramos só eu e Mia.

Nos documentos de admissão para o programa governamental de habitação, quando me perguntavam quais eram os meus objetivos para os meses seguintes, escrevia qualquer coisa sobre tentar que tudo voltasse a funcionar com o pai de Mia, Jamie. Pensava que, se me esforçasse o suficiente, poderíamos procurar que resultasse. Às vezes, imaginava por instantes que éramos uma família a sério — uma mãe, um pai, uma linda filha. Agarrava-me a esse devaneio como se fosse um cordel preso a um enorme balão. Um balão que me transportava por cima dos

abusos de Jamie e da dificuldade de ser mãe solteira. Se não largasse o cordel, flutuaria por cima de tudo aquilo. Se me concentrasse na família que queria que fôssemos, podia fingir que as partes más não eram reais; como se aquela vida fosse uma fase temporária e não uma nova existência. Mia recebeu sapatos novos no aniversário. Andei a poupar durante um mês. Eram castanhos com pequenos pássaros bordados cor-de-rosa e azuis. Enviei convites para a festa como uma mãe normal e convidei Jamie como se fôssemos um casal em guarda partilhada. Festejámos numa mesa de piquenique com vista para o oceano, sobre uma encosta verdejante do Parque Chetzemoka em Port Townsend, a cidade do estado de Washington onde vivíamos. As pessoas, sorridentes, sentavam-se nos cobertores que tinham trazido. Tinha comprado limonada e queques com o dinheiro que me sobrara do cheque-refeição desse mês. O meu pai e o meu avô tinham viajado quase duas horas, cada um vindo do seu lado, para estar connosco. O meu irmão e alguns amigos também vieram. Um deles trouxe uma guitarra. Pedi a um amigo que tirasse fotografias de mim, de Mia e de Jamie, pois era muito raro os três estarmos sentados juntos daquela maneira. Queria que Mia guardasse boas recordações. Mas a cara de Jamie, nas fotos, transparecia desinteresse, raiva.

A minha mãe veio com o marido, William, de Londres, ou de França, ou de onde quer que estivessem a viver na altura. No dia a seguir à festa de Mia, apareceram — quebrando a regra «nada de visitas» do abrigo — para me ajudar na mudança para o apartamento de transição. Mostrei-me um pouco desagradada com a indumentária deles — William de calças de ganga justas pretas, camisola preta e botas pretas; a minha mãe, com um vestido às riscas brancas e pretas, que lhe apertava demasiado as ancas, *leggings* pretas e sapatilhas *Converse*. Pareciam prontos para tomar um café expresso, não para fazer mudanças. Não tinha deixado ainda que ninguém soubesse onde vivíamos, por isso, a invasão das suas pronúncias britânicas e do vestuário europeu fez o abrigo, a nossa casa, parecer ainda mais sujo. William pareceu surpreendido ao ver que havia apenas um único saco de desporto para transportar. Agarrou-o, saiu, e a minha mãe seguiu-o. Virei-me para dar uma última olhadela àquele chão, aos meus próprios fantasmas lendo livros no sofá, a Mia a remexer no cesto de brinquedos e sen-

tada no gavetão-cama improvisado aberto debaixo da cama de casal. Estava feliz por me ir embora. Mas foi num breve instante que tomei consciência daquilo a que tinha sobrevivido, uma despedida agridoce daquele débil lugar do nosso começo.

Metade dos residentes do nosso novo bloco de apartamentos, o Programa de Alojamento Familiar Transitório de Northwest Passage, era como eu, estava de saída de centros para os sem-abrigo, mas a outra metade eram pessoas que tinham acabado de sair da prisão. Deveria ser melhor do que o abrigo, mas começava a sentir falta da reclusão do cubículo. Ali, naquele edifício, a minha realidade estava exposta para que todos a vissem, até eu. A minha mãe e William esperaram atrás de mim, enquanto me aproximava da porta da nossa nova casa. Atrapalhei-me com a chave, pousei a caixa para dar um jeito com mais força à fechadura, até que finalmente entrámos.

— Bem, pelo menos, isto é seguro — disse William.

Entrámos num *hall* estreito; a porta da entrada ficava em frente à casa de banho. Reparei logo na banheira, onde eu e Mia poderíamos tomar banho juntas. Há muito tempo que não tínhamos o luxo de uma banheira. Os nossos dois quartos eram do lado direito. Cada um tinha uma janela que dava para a rua. Na cozinha minúscula, a porta do frigorífico quase tocava nos armários do lado oposto. Caminhei sobre grandes azulejos brancos, que se assemelhavam ao chão do abrigo, e abri a porta para um pequeno pátio. Era suficientemente largo para que me pudesse sentar com as pernas esticadas.

Julie, a minha assistente social, tinha-me mostrado o apartamento, de passagem, duas semanas antes. A última família que ali tinha vivido ficou durante vinte e quatro meses, o tempo máximo permitido.

— Tiveste sorte por este ter vagado — disse ela. — Especialmente, porque o teu tempo no abrigo chegou ao fim.

Quando me encontrei pela primeira vez com Julie, sentei-me à sua frente, gaguejando, na tentativa de responder às perguntas acerca dos meus planos, como planeava dar abrigo à minha filha. Qual o meu caminho para a estabilidade financeira. Que trabalhos poderia ter. Julie parecia compreender a minha perplexidade, fazendo sugestões de como proceder. Passar para uma habitação de baixo custo parecia a minha úni-

ca opção. O problema era encontrar um espaço que estivesse disponível. Advogados do Centro de Apoio à Violência Doméstica e Agressão Sexual disponibilizavam um abrigo às vítimas que não tinham para onde se virar, mas eu tinha tido sorte quando o programa governamental de habitação me oferecera um espaço próprio e um caminho para a estabilidade.

Eu e Julie analisámos uma lista de quatro páginas de regras precisas durante a primeira reunião, regras que teria de aceitar para poder ficar no abrigo.

O hóspede está ciente de que este é um abrigo de emergência;
NÃO é a sua casa.
ANÁLISES À URINA aleatórias podem ser requeridas
em qualquer altura.
NÃO são permitidas visitas no abrigo.
SEM EXCEÇÕES.

Julie deixou bastante claro que fariam inspeções periódicas para garantir que as tarefas domésticas básicas estavam a ser cumpridas, como lavar os pratos, não deixar comida do lado de fora da varanda e manter o chão limpo. Mais uma vez, concordei em análises à urina aleatórias, inspeções ao apartamento e recolher obrigatório às dez da noite. Durante a noite, as visitas não eram permitidas sem autorização, e não por mais de três dias. Todas as alterações no rendimento tinham de ser comunicadas imediatamente. Tinham de ser apresentadas declarações mensais com detalhes sobre que dinheiro tinha entrado e como e porquê tinha saído.

Julie era simpática e sorria sempre enquanto falava. Estava muito agradecida por ela não ter aquele olhar cansado e vago que outros assistentes sociais do governo pareciam ter. Tratava-me como uma pessoa, ajeitava o cabelo curto, vermelho-cobre, por detrás da orelha enquanto falava. Mas os meus pensamentos emperraram no momento em que me chamou «sortuda». Eu não me sentia com sorte. Grata, sim. Definitivamente. Mas sortuda, não. Não quando me mudava para um lugar com regras que sugeriam que era toxicodependente, suja ou simplesmente tão perdida na vida, que precisava de recolher obrigatório e testes regulares ao chichi. Ser pobre, viver na pobreza parecia-se com a liberdade condicional — o crime era a falta de meios de sobrevivência.

William, a minha mãe e eu tirámos as nossas coisas da carrinha que me emprestaram, a um ritmo razoável, até às escadas que levavam à minha porta, no segundo andar. Tínhamos ido buscar as minhas coisas a uma arrecadação que o meu pai me arranjou antes de me mudar para o cubículo. A minha mãe e William estavam tão bem vestidos, que lhes ofereci *T-shirts* para vestir, mas recusaram. Durante toda a minha vida, a minha mãe sempre teve excesso de peso, exceto na altura em que se divorciou do meu pai. Atribuiu a perda de peso à dieta *Atkins*. O meu pai veio a descobrir mais tarde que a motivação súbita de ela ir ao ginásio não era o *fitness*, mas um caso amoroso, assim como um novo desejo de escapar aos constrangimentos de ser uma mãe casada. A metamorfose da minha mãe foi uma saída ou um despertar para a vida que sempre desejou ter, mas que sacrificara pela família. A mim, ela pareceu, de repente, uma estranha.

Na primavera em que o meu irmão, Tyler, acabou o secundário, os meus pais divorciaram-se, e a minha mãe mudou-se para um apartamento. Por volta do Dia de Ação de Graças, tinha reduzido para metade o tamanho da roupa que vestia e deixou crescer o cabelo. Quando íamos a bares, observava-a enquanto beijava homens da minha idade e depois desfalecia em cabinas de *diners*. Ficava envergonhada, mas mais tarde a vergonha transformou-se numa perda com a qual não sabia lidar. Queria a minha mãe de volta. O meu pai também se deixou envolver numa nova família durante algum tempo. A mulher que namorou, logo após o divórcio, era ciumenta e tinha três filhos rapazes. Não gostava de que eu aparecesse. «Tem cuidado contigo», disse-me ela uma vez ao pequeno-almoço, num *Denny's* perto da casa deles.

Os meus pais seguiram caminho, deixando-me emocionalmente órfã. Jurei que nunca deixaria que se cavasse igual dimensão de espaço físico e emocional entre mim e Mia.

Agora, ao olhar para a minha mãe, casada com um britânico que era apenas sete anos mais velho do que eu, vi que ela tinha inchado vários tamanhos acima do que alguma vez tinha tido, de tal forma, que parecia desconfortável no próprio corpo. Não consegui deixar de olhar para

ela enquanto estava ao meu lado a falar com falso sotaque britânico. Tinham passado talvez sete anos desde que se tinha mudado para a Europa, e só a vira um par de vezes.

A meio caminho de carregar as minhas muitas caixas de livros, começou a dizer que lhe apetecia um hambúrguer.

— E uma cerveja — acrescentou na vez seguinte que nos cruzámos nas escadas. Era meio-dia, mas ela estava em modo de férias, o que significava que a bebida começava cedo. Sugeriu que fôssemos ao Sirens, um bar com esplanada no centro da cidade. Salivei. Há meses que não saía para comer.

— Tenho de ir trabalhar depois, mas posso ir — disse eu. Fazia limpezas no infantário de um amigo uma vez por semana por quarenta e cinco dólares. Também tinha de devolver a carrinha e ir buscar Mia à casa de Jamie.

Nesse dia, a minha mãe também trouxera várias caixas enormes — fotografias e bugigangas antigas que tinha guardado na garagem de um amigo. Trouxe tudo para a minha nova casa como quem traz um presente. Aceitei deliberadamente, com nostalgia, e como prova da vida passada que vivêramos juntas. Ela tinha guardado todas as fotografias tiradas na escola, todas as fotografias do Dia das Bruxas. Eu a segurar o meu primeiro peixe. A abraçar flores depois do recital na escola. A minha mãe tinha estado na plateia a apoiar-me, a sorrir e a segurar a câmara. Agora, no apartamento, só me via como qualquer outro adulto na sala, uma igual, enquanto ali estava mais perdida do que alguma vez estivera. Precisava da minha família. Precisava de os ver a acenar, a sorrir e a assegurar-me de que ficaria bem.

Quando William se levantou para ir à casa de banho, sentei-me no chão ao lado da minha mãe.

— Olá — disse eu.

— Sim? — respondeu ela, como se eu estivesse prestes a pedir-lhe alguma coisa. Sempre tive a sensação de que ficaria arreliada se lhe pedisse dinheiro, mas nunca o fiz. Ela e William viviam uma vida frugal na Europa, arrendando o apartamento de William em Londres, enquanto viviam numa casa de campo em França, não muito longe de Bordéus, que acabariam por transformar numa pousada.

— Será que podíamos passar algum tempo juntas? — perguntei. — Só nós as duas?

— Steph, acho que isso não seria muito apropriado.

— Porquê? — perguntei, tentando esclarecer.

— Quero dizer, se quiseres passar algum tempo comigo, vais ter de aceitar que o William também estará — disse ela.

Naquele momento, William aproximou-se, assoando muito alto o nariz ao lenço. Ela agarrou-lhe a mão e olhou para mim com as sobrancelhas levantadas, como se estivesse orgulhosa de ter estabelecido aquela fronteira.

Não era segredo nenhum que eu não gostava de William. Quando fui visitá-los a França, alguns anos antes, William e eu tínhamos tido uma discussão feroz, e que incomodou tanto a minha mãe, que a fez fugir para o carro a chorar. Desta vez, desejava conquistar a relação perdida com a minha mãe, mas não apenas como alguém que pudesse ajudar-me a cuidar de Mia. Ansiava por uma mãe, alguém em quem pudesse confiar, que me aceitasse incondicionalmente apesar de viver num abrigo. Se tivesse uma mãe com quem falar, talvez me pudesse explicar o que estava a acontecer-me ou tornar as coisas mais fáceis e ajudar-me a não me ver como um fracasso. Foi difícil admitir tal nível de desespero, competir pela atenção da minha própria mãe. Por isso, ria-me sempre das piadas de William. Sorria quando ele gozava com a gramática estado-unidense. Não fiz nenhum comentário ao novo sotaque da minha mãe ou a ela agora agir de forma pedante, como se a avó não tivesse feito saladas com fruta de lata e chantili em spray.

A minha mãe e o meu pai cresceram em diferentes partes do condado de Skagit, uma área conhecida pelos campos de túlipas, a cerca de uma hora a norte de Seattle. As famílias de ambos tinham vivido na pobreza durante gerações. A família do lado do meu pai estava enraizada nas encostas dos bosques acima de Clear Lake. Dizem que os parentes distantes dele ainda fabricam *moonshine*. A minha mãe vivia no vale, onde os agricultores cultivavam ervilhas e espinafres.

A avó e o avô foram casados durante quase quarenta anos. As minhas primeiras memórias são deles na caravana no bosque junto a um ribeiro.

Ficava com eles durante o dia enquanto os meus pais trabalhavam. O avô fazia-nos para o almoço maionese e sandes de manteiga em pão de forma. Não tinham muito dinheiro, mas as minhas recordações dos meus avós maternos estavam cheias de amor e calor: a avó a mexer a sopa de tomate de lata no fogão, com um refrigerante numa mão, um só pé no chão e o outro enfiado na coxa como um flamingo, e havia sempre um cigarro aceso num cinzeiro.

Mudaram-se para a cidade, para uma casa antiga perto do centro de Anacortes, que se tornara tão degradada ao longo dos anos, que era quase inabitável. O avô era agente imobiliário e aparecia nos intervalos de tempo entre as casas que mostrava, irrompendo pela porta com pequenos brinquedos que encontrara para mim ou ganhara na máquina de brindes na pista de bólingue.

Em criança, quando não estava na casa deles, telefonava à avó. Passava tanto tempo a falar com ela, que no caixote das fotografias havia várias de mim aos quatro e cinco anos, de pé na cozinha com um grande telefone amarelo encostado ao ouvido.

A avó tinha esquizofrenia paranoica, e com o tempo tornou-se quase impossível ter uma conversa com ela. Estava em constante delírio. Na última vez que eu e Mia a visitámos, levei-lhe uma piza do Papa Murphy, que comprei com cheques-refeição. A avó, de *eyeliner* preto espesso e batom rosa, ficou lá fora a fumar durante a maior parte da nossa visita. Tivemos de esperar que o avô chegasse a casa para podermos comer. Depois de ele chegar, a avó disse que já não tinha fome e acusou-o de ter um caso, até mesmo de tentar meter-se comigo.

Mas Anacortes sempre foi a guardiã das minhas memórias de infância. Embora tivesse cada vez menos laços com a minha família, contei a Mia sobre Bowman Bay, uma zona do Deception Pass — a fenda no oceano que divide as ilhas Fidalgo e Whidbey, onde o meu pai me levava a fazer caminhadas quando era pequena. Aquele pequeno pedaço do estado de Washington, com imponentes relvados e árvores de *madrona*, foi o único lugar onde alguma vez me senti em casa. Explorei cada recanto, conhecia todos os caminhos e os matizes das correntes oceânicas, gravei as minhas iniciais num tronco retorcido de uma *madrona* cor-

-de-laranja-avermelhada e conseguiria dizer exatamente onde estava. Sempre que regressava a Anacortes para visitar a família, dava por mim a caminhar pelas praias abaixo da ponte do Deception Pass, fazendo o caminho mais longo para casa, pela Rosario Road, passando pelas grandes casas à beira dos penhascos.

Tinha saudades da minha família, mas consolava-me saber que a minha mãe e a minha avó ainda falavam todos os domingos. A minha mãe telefonava-lhe de onde quer que estivesse na Europa. Consolava-me, como se ainda não tivesse perdido a minha mãe por completo, como se ela ainda tivesse algumas memórias das pessoas que tinha deixado para trás.

A minha mãe pediu outra cerveja quando chegou a conta do nosso almoço no Sirens. Olhei para as horas. Precisava de duas horas para limpar o infantário antes de ir buscar Mia. Depois de ver a mãe e William divertirem-se com anedotas esquisitas sobre os vizinhos de França, isto durante mais quinze minutos, acabei a admitir que tinha de ir embora.

— Oh — disse William, com as sobrancelhas a levantarem-se.

— Queres que chame a empregada para poderes pagar o almoço?

Olhei diretamente para ele.

— Não — disse. Fixámo-nos um no outro, num certo tipo de impasse. — Não tenho dinheiro para pagar.

Teria sido adequado pagar-lhes o almoço, já que tinham vindo visitar-me e ajudar-me nas mudanças, mas, supostamente, eram os meus pais. Desejava fazê-lo lembrar-se de que tinha acabado de me ajudar a sair de um centro para os sem-abrigo, mas não o fiz, e virei-me para a minha mãe com olhos de quem suplica.

— Posso pôr a cerveja no meu cartão de crédito — ofereceu.

— Só tenho dez dólares na conta — disse eu. Sentia os nós na garganta a aumentar.

— Isso mal chega para pagar o teu hambúrguer — disse William em voz baixa.

Estava certo. O meu hambúrguer custava dez dólares e cinquenta e nove cêntimos. Eu tinha pedido algo exatamente vinte e oito cêntimos

abaixo daquilo que tinha na conta. A vergonha palpitou-me no peito. Todo o triunfo que senti naquele dia em relação à saída do abrigo havia sido desfeito. Não tinha como pagar um maldito hambúrguer.

Olhei da minha mãe para William e depois desculpei-me para ir à casa de banho. Não precisava de fazer chichi. Precisava de chorar.

O espelho refletia uma silhueta magra, que vestia uma *T-shirt* de tamanho de criança e calças de ganga justas arregaçadas para esconder que eram demasiado curtas. No espelho, estava aquela mulher — exausta de trabalhar, mas sem nenhum dinheiro para o provar, alguém que não podia pagar a porcaria de um hambúrguer. Estava muitas vezes demasiado tensa para conseguir comer, e, em muitas das refeições com Mia, só lá estava para a ver levar a colher à boca, agradecida por cada colherada. O meu corpo parecia fraco e cavado, e tudo o que me restava naquela casa de banho era gritar.

Anos antes, quando pensava no meu futuro, a pobreza parecia inconcebível, distante da minha realidade. Nunca pensei que acabaria assim. Mas agora, após uma criança e uma separação, estava no meio de uma realidade da qual não sabia sair.

Quando regressei, William ainda estava sentado com as narinas abertas, como uma espécie de dragão em miniatura. A minha mãe inclinou-se na direção dele, sussurrou-lhe algo ao ouvido e ele abanou a cabeça com desdém.

— Posso pagar dez dólares — disse eu, enquanto me sentava.

— Está bem — disse a minha mãe.

Não esperava que ela aceitasse a minha oferta. Faltavam dias para receber o ordenado. Remexi na mala à procura da carteira e a seguir dei o meu cartão para adicionar ao dela. Depois de assinar a conta, levantei-me e enfiei o cartão no bolso de trás e mal lhe dei um abraço de despedida enquanto saía. Estava apenas a poucos passos da mesa quando William disse:

— Bem, nunca vi ninguém tão ingrato!

2

A Caravana

No Natal de 1983, recebi um conjunto de bonecas dos meus pais. A minha mãe tinha esperado horas em filas no JCPenney antes de as portas abrirem. Os gerentes da loja empunhavam tacos de basebol sobre as cabeças dos clientes, para evitar que as multidões se apressassem ao balcão. A minha mãe acotovelou os outros clientes de um lado para o outro, como se fosse uma lutadora, e tirou a última caixa da prateleira mesmo antes de outra mulher conseguir agarrá-la. Pelo menos, era assim que ela contava a história. Ouvia com os olhos muito abertos, apreciando que ela tivesse lutado por mim. A minha mãe, a heroína. A campeã. Portadora dos mais cobiçados brinquedos.

Na manhã de Natal, segurei na nova boneca pela minha pequena anca. Tinha o cabelo loiro, curto com tranças, e olhos verdes. Fiquei de pé à frente da minha mãe, levantei a mão direita e jurei: — Depois de conhecer esta boneca e de saber quais são as suas necessidades, quero comprometer-me a ser boa mãe para a Angelica Marie. — A seguir, assinei os documentos de adoção, a chave do sucesso por detrás de uma daquelas bonecas. Transmitia valores de família e encorajava à responsabilidade. Quando recebi a certidão de nascimento da boneca, com o meu nome impresso, a minha mãe envolveu-me a mim e a Angelica, cuidadosamente lavada e vestida para a ocasião, num abraço cheio de orgulho.

Desde que me lembro, quero ser escritora. Ao longo da minha vida, escrevia histórias e desaparecia com livros como se fossem velhos amigos. Algumas das minhas folgas preferidas eram quando chovia,

começava um livro novo de manhã num café e o terminava ao final da tarde num bar. Foi durante aquele primeiro verão, já com vinte e muitos anos, ainda com Jamie, que a Universidade do Montana, em Missoula, começou a seduzir-me com cartões e postais do programa de escrita criativa. Imaginava-me naquelas fotos, a caminhar pelas pastagens do Montana, algures debaixo de uma citação de *As Viagens com o Charley*, de Steinbeck, rabiscado por cima com fontes manuscritas: «… mas com o Montana é amor», escrevera simplesmente. Foram palavras que me levaram ao *Big Sky Country* do Montana, na busca por um lar na fase seguinte da minha vida.

Conheci Jamie enquanto ia para casa vinda de um bar, onde eu e os meus colegas de trabalho íamos depois do último turno. Era perto da meia-noite e os grilos de verão cantavam na relva. A minha camisola com capuz tinha sido atada à cintura ao transpirar e dançar toda a noite. Agora, pegava nela ao prever uma longa viagem de bicicleta até casa. A parte da frente das minhas calças da *Carhartt* ainda tinha pequenas manchas de café do sítio onde trabalhava, e eu ainda sentia na boca o último gole de uísque.

Lá fora, na brisa refrescante, ouvi o som de uma guitarra, que vinha de um banco de jardim, e a voz inconfundível de John Prine. Parei o tempo suficiente para reconhecer a canção e reparei num rapaz com um leitor de MP3 e altifalantes portáteis no colo. Tinha um casaco de flanela vermelho e um chapéu castanho, sentado de braços cruzados, a abanar a cabeça suavemente enquanto absorvia a música.

Sem pensar, sentei-me ao lado dele. O calor do uísque mexia-se no meu peito.

— Olá — disse eu.

— Olá — disse ele, e sorriu-me.

Ficámos sentados assim durante algum tempo, a ouvir as suas músicas favoritas, inspirando o ar da noite nas margens do centro da cidade de Port Townsend. Os edifícios vitorianos de tijolo olhavam de cima para as ondas que rebentavam nas docas.

Quando me levantei para ir embora, na agitação de conhecer um novo rapaz, rabisquei o meu número de telefone numa página do diário, que depois arranquei.

— Gostarias de sair comigo um dia destes? — perguntei, entregando-lhe a página. Ele olhou para mim e depois para o som dos risos das pessoas que tropeçavam ao sair do Sirens. Agarrou no pedaço de papel que eu tinha na mão, olhou para mim e disse que sim com a cabeça.

Na noite seguinte, enquanto conduzia em direção à cidade, o meu telemóvel tocou.

— Para onde vais? — perguntou ele.

— Para o centro. — Guinei com o carro ao falhar em pôr uma mudança mais baixa, conduzir e falar ao mesmo tempo.

— Encontra-te comigo à frente do Penny Saver Market — disse ele, e desligou.

Cinco minutos mais tarde, tinha chegado ao parque de estacionamento. Jamie, encostado à parte de trás de um *Volkswagen Carocha* vermelho, com a mesma roupa da noite anterior, estava à minha espera. Sorriu, mostrando os dentes tortos dos quais eu não tinha dado conta na escuridão.

— Vamos beber uma cerveja — disse ele, atirando uma beata de um cigarro enrolado à mão para o passeio.

Pagou duas garrafas de cerveja preta, *Samuel Smith*, e fomos no *Volkswagen* dele até à beira de um penhasco, para vermos o pôr do Sol. Enquanto ele falava, folheei uma *New York Times Book Review* que encontrei no lugar do passageiro. Falou-me de uma viagem de bicicleta que tinha planeado na costa do Pacífico pela autoestrada 101 até São Francisco.

— Já marquei férias e tudo — disse ele, ao olhar de relance. Os seus olhos eram castanhos, mais escuros do que os meus.

— Onde trabalhas? — perguntei, percebendo que não sabia nada sobre ele a não ser as suas preferências musicais.

— No Fountain Café — deu uma passa no cigarro. — Era subchefe. Mas agora só lá faço as sobremesas.

Ele expirou, e uma nuvem de fumo desapareceu para lá do penhasco.

— Fazes *tiramisù*? — perguntei, fazendo uma pausa na minha fraca tentativa de enrolar um cigarro para mim.

Assentiu, e ali soube que iria para a cama com ele. O *tiramisù* era bom a esse ponto.

Mais tarde nessa semana, Jamie levou-me à sua caravana pela primeira vez. Fiquei parada naquele espaço minúsculo, a absorver os painéis de madeira, o pufe laranja e as prateleiras cobertas de livros.

Jamie pediu desculpa quando me viu olhar e atrapalhou-se ao explicar que a caravana era apenas para poupar dinheiro para a tal viagem de bicicleta. Mas, quando deparei com Bukowski e Jean-Paul Sartre numa fileira de livros por cima da mesa, já não queria saber do aspeto da caravana. Virei-me logo para o beijar.

Ele empurrou-me lentamente para o branco da sua cama. Beijámo-nos durante horas, como se nada mais existisse no mundo. Ele envolveu-me.

Por fim, eu e Jamie decidimos seguir caminhos diferentes — eu para Missoula e ele para Portland, no Oregon. Quando sugeriu que me mudasse para a caravana para poupar dinheiro, fi-lo sem demora. Vivíamos numa caravana com seis metros, mas a renda eram apenas cento e cinquenta dólares a cada. A nossa relação tinha um objetivo, cada um ajudava o outro a fim de sair da cidade.

O trabalho em Port Townsend estava principalmente ligado ao setor dos serviços, focado no turismo e naqueles com dinheiro para gastar, que chegavam em bandos durante os meses mais quentes. Os *ferries* estavam cheios deles, rastejando sobre as águas, entre o continente e a península, a porta de entrada para as florestas tropicais e as termas costeiras. As mansões vitorianas, as lojas e os cafés à beira-mar traziam dinheiro à cidade e, por sua vez, proporcionavam sustento a muitos residentes. Mesmo assim, não era um monte de dinheiro. A menos que um residente de Port Townsend se aventurasse num negócio próprio, não havia muito mais que um trabalhador normal pudesse fazer para assegurar o futuro.

Muitos dos residentes já tinham o futuro assegurado. No final dos anos sessenta ou início dos anos setenta, um grupo de *hippies* mudou-se para Port Townsend, que na altura era uma cidade-fantasma que mal sobrevivia, graças a uma fábrica de papel que empregava a maioria dos que lá viviam. A cidade tinha sido construída sobre a promessa de um dia se tornar um dos maiores portos marítimos ocidentais, e falhou quando a falta de dinheiro da Grande Depressão redirecionou as ferrovias para Seattle e Tacoma. Esses *hippies*, alguns dos quais eram

agora meus patrões e fiéis clientes, compraram as mansões vitorianas, decadentes depois de um século ao abandono. Passaram anos a restaurar os edifícios, preservando-os como marcos históricos, melhorando a cidade, construindo padarias, cafés, cervejarias, bares, restaurantes, mercearias e hotéis. Port Townsend tornou-se conhecida por acolher barcos de madeira, com interesse em evoluir para uma escola formal e um festival anual. Agora, o grupo que tinha trabalhado para reanimar a cidade relaxou, abrandou o ritmo e contentou-se com ser burguês. Todos nós, funcionários dos serviços, trabalhámos para eles de várias formas, vivendo em cabanas minúsculas, *yurts* ou estúdios. Estivemos lá pelo tempo — a sombra de chuva que as Olympic Mountains nos davam — e pela pequena comunidade artística que se encontrava apenas a uma viagem de *ferry* de Seattle. Estivemos lá pela água calma do oceano na baía, pelo suor do trabalho e pelo estilo de vida de cozinhas demasiado movimentadas.

Eu e Jamie trabalhámos em cafés, tínhamos juventude e liberdade para o fazer. Ambos sabíamos que estávamos a caminho de algo maior e melhor. Ele ajudava na empresa de *catering* do amigo e fazia qualquer trabalho que pagasse por debaixo a mesa. Além do café, trabalhei numa creche de cães e vendia pão no mercado. Nenhum de nós tinha um curso superior — Jamie até admitiu que nem sequer tinha terminado o liceu — e fazíamos tudo o que pudéssemos para ganhar dinheiro.

Jamie tinha turnos típicos de um restaurante, do final da tarde a meio da noite, por isso, na maior parte das vezes, já estava a dormir quando ele chegava a casa, um pouco bêbado depois de ter estado no bar. Por vezes, ia encontrar-me com ele e gastava o resto das gorjetas em cervejas.

Depois, descobri que estava grávida. Com um paredão de enjoos matinais, o meu estômago colapsou, e o mundo de repente começou a encolher até parecer parar. Estive em frente ao espelho da casa de banho durante muito tempo, com a camisola levantada, a olhar para a barriga. Tínhamos concebido no meu vigésimo oitavo aniversário, na véspera da partida de Jamie para a viagem de bicicleta.

Ao escolher ficar com o bebé, estaria a escolher ficar em Port Townsend. Queria manter a gravidez em segredo e continuar com o plano de me mudar para Missoula, o que já não parecia possível. Precisava de

dar a Jamie a oportunidade de ser pai — sentir-me-ia mal se lhe negasse isso. Mas ficar significava adiar o sonho de me tornar escritora. Adiar quem esperava ser. Alguém que seguisse em frente, alguém importante. Não tinha a certeza de querer desistir disso. Tinha tomado a pílula, e nunca pensei que abortar fosse errado, mas não conseguia parar de pensar na minha mãe, que também terá olhado para a barriga e, da mesma forma, debatido as opções para a minha vida.

Apesar de todas as esperanças de um caminho diferente, amoleci nos dias que se seguiram e apaixonei-me pela maternidade, pela ideia de mim como mãe. Quando contei a Jamie sobre o bebé, ele tinha acabado de terminar a viagem. A ternura inicial de quando me tentava persuadir a interromper a gravidez desapareceu quando lhe disse que não o faria. Só o conhecia há quatro meses, e a fúria, o ódio dele para comigo, era assustador.

Numa tarde, Jamie entrou na caravana onde eu estava sentada no sofá, junto à televisão, a tentar comer canja de galinha enquanto via Maury Povich revelar resultados de testes de paternidade. Jamie andava de um lado para o outro, olhando-me fixamente, e espelhava os homens do programa de televisão, que gritavam que não quereriam o nome na certidão de nascimento.

— Não quero que venhas atrás de mim para sustentar essa maldita criança — continuava, e apontava para a minha barriga. Fiquei calada, como habitualmente fazia quando ele tinha aquelas tiradas agressivas, na esperança de que não começasse a atirar coisas. Mas daquela vez, quanto mais gritava, quanto mais lutava e me dizia que estava a cometer um grande erro, mais me aproximava do bebé, para o proteger. Após ele sair, telefonei ao meu pai com a voz trémula.

— Estarei a tomar a decisão certa? — perguntei-lhe depois de lhe dizer o que Jamie me havia dito. — Porque, na verdade, não sei. Mas sinto que deveria ter a certeza. Já não sei nada de nada.

— Bolas — disse ele, e fez uma pausa. — Esperava mesmo que o Jamie estivesse à altura. — Fez uma nova pausa, talvez à espera de que eu respondesse, mas não havia nada para dizer. — Sabes que eu e a tua mãe estávamos na mesma situação quando soubemos de ti, só que éramos adolescentes. E, sabes, não foi perfeito. Não sei se alguma vez chegou

perto disso. Não sabíamos o que estávamos a fazer ou se o que fazíamos estava certo. Mas tu, o teu irmão, eu e a tua mãe estamos todos bem. Saímo-nos bem. Sei que tu, o Jamie e este bebé também ficarão bem, mesmo que não seja aquilo que esperas.

Depois daquela chamada, sentei-me e olhei pela janela. Tentei que o ambiente à minha volta — a caravana ao lado de uma grande oficina na floresta — não me distraísse da visão que tinha do futuro. Comecei a falar de forma diferente comigo mesma, suprimindo as minhas dúvidas. Talvez Jamie mudasse de ideias. Talvez demorasse algum tempo. Se não o fizesse, decidi que lidaria com isso, apesar de não saber como. Não podia tomar todas as decisões com ele em mente, para ter um bebé com ele, mas sabia que tinha de lhe dar, pelo menos, a oportunidade de ser pai. O meu bebé merecia isso. Embora não fosse ideal, faria o que todos os pais fazem, o que sempre fizeram durante gerações — faria que funcionasse. Sem dúvida. Não havia outra opção. Agora, era mãe. E acartaria essa responsabilidade para o resto da vida. Levantei-me e, ao sair, rasguei a candidatura à faculdade e fui trabalhar.